

AS CORES DE SÃO VALENTIM

Em memória de Whitney Houston (1963 - 2012)



<http://www.imdb.com/title/tt0103855/>

«This case presents a constitutional question never addressed by this Court: whether a statutory scheme adopted by the State of Virginia to prevent marriages between persons solely on the basis of racial classifications violates the Equal Protection and Due Process Clauses of the Fourteenth Amendment¹. For reasons which seem to us to reflect the central meaning of those constitutional commands, we conclude that these statutes cannot stand consistently with the Fourteenth Amendment. »²

Quando eu tinha quinze, quase dezasseis anos, o Supremo Tribunal Americano declarou que as leis do Estado federado da Virgínia sobre casamentos ‘mistos’ (inter-raciais) eram contrárias à Constituição Norte-Americana. Pelas minhas contas, nessa altura eu já teria optado por estudar Direito, uma vez que na minha geração a escolha era feita por essa idade: em 1967 eu estava a cursar a então chamada ‘alínea e)’ do final do liceu (6º e 7º Anos) – que era moldada para o acesso à licenciatura em Direito, com as disciplinas de História, Português, Latim e Alemão, além das comuns.

Nada, no entanto, me fez suspeitar nessa altura de que, no outro lado do mar, uma nação civilizada tinha ainda em vigor leis que não só classificavam e dividiam pessoas segundo a sua ‘cor’, mas que também as proibiam de se

¹ Fourteenth Amendment, Section 1: "All persons born or naturalized in the United States and subject to the jurisdiction thereof are citizens of the United States and of the State wherein they reside. No State shall make or enforce any law which shall abridge the privileges or immunities of citizens of the United States; nor shall any State deprive any person of life, liberty, or property, without due process of law; nor deny to any person within its jurisdiction the equal protection of the laws."

² U.S. Supreme Court *LOVING v. VIRGINIA*, 388 U.S. 1 (1967) 388 U.S. 1 *LOVING ET UX. v. VIRGINIA*. APPEAL FROM THE SUPREME COURT OF APPEALS OF VIRGINIA. No. 395. Argued April 10, 1967. Decided June 12, 1967. Online em <http://caselaw.lp.findlaw.com/scripts/getcase.pl?court=us&vol=388&invol=1>

misturar, por inspiração divina, ao que parece, segundo o tristemente célebre *obiter dictum* do juiz do Tribunal da Virgínia³:

"Almighty God created the races white, black, yellow, malay and red, and he placed them on separate continents. And but for the interference with his arrangement there would be no cause for such marriages. The fact that he separated the races shows that he did not intend for the races to mix."

Por essa altura os Estados Unidos da América eram para mim o sítio onde um Presidente fora assassinado a tiro, enquanto se mostrava em Dallas num descapotável, sem que ninguém parecesse capaz de descobrir o autor do atentado. Onde actrizes e actores e gente da música (mais *colorida*, neste caso) mais ou menos glamorosos faziam sucesso e por vezes entravam em modo de tragédia. Olhando com a vantagem do *hindsight*, 1967 situa-se no período em que o sucesso e a tragédia de Marilyn Monroe ou Elvis Presley se consumavam, em que Martin Luther King era morto pela 'ousadia' das suas convicções de simples e elementar humanidade, em que o *Flower Power* se afirmava e os movimentos feministas da dita Segunda Vaga se animavam. Filmes como *Guess Who's Coming To Dinner* de Stanley Kramer (1967, USA) mostravam negros de sucesso, como o médico formado em Harvard e dedicado a causas nobres de ajuda em África, encarnado pelo belo Sidney Poitier. Na velha Europa, Maio de 1968 espreitava ao virar da esquina, em Paris, Londres ficava cada vez mais perto, a *Nouvelle Vague* prosperava, Sartre e Simone e também a China inspiravam muitos intelectuais...; em Portugal, Oliveira Salazar seria em breve substituído por Marcello Caetano, que aguentaria a guerra e o regime por mais uns anos.

Mas na minha cabeça 'Apartheid' era coisa de um país estranho chamado República da África do Sul, onde os 'negros' e os 'coloured' – 'pessoas de cor' é a mais estranha designação dentro da linguagem racista, e curiosamente errada, porque o 'branco' é, na Física, o *conjunto de todas as cores* e não a ausência delas... – tinham estatuto de sub-gente, sub-humanos, *Untermenschen*. Uma coisa que eu associava ao Nazismo e em parte às suas estranhas 'consequências'. *Eine Mauer trennt das Deutsche Volk*, ensinava-nos a nossa professora de Alemão, uma notabilíssima profissional. E essa coisa só muitos anos depois, com a inesperada libertação de Mandela, a queda do tal Muro de Berlim e o fim da União Soviética – num escorço apressado – se haveria de resolver. Em Portugal, dizia-se, não havia racismo, uma das piedosas invenções do regime do Estado Novo. Mas certo é que, nessa data, não havia leis segregacionistas em vigor na metrópole, nos termos em que existiam na América ou na África do Sul.

Recordo-me depois de estudar 'Direito Ultramarino', que os estudantes 'progressistas' na Faculdade de Direito de Lisboa (era só uma, nessa altura)

³ "In June 1958, two residents of Virginia, Mildred Jeter, a Negro woman, and Richard Loving, a white man, were married in the District of Columbia pursuant to its laws. Shortly after their marriage, the Lovings returned to Virginia and established their marital abode in Caroline County. At the October Term, 1958, of the Circuit Court ... of Caroline County, a grand jury issued an indictment charging the Lovings with violating Virginia's ban on interracial marriages. On January 6, 1959, the Lovings pleaded guilty to the charge and were sentenced to one year in jail; however, the trial judge suspended the sentence for a period of 25 years on the condition that the Lovings leave the State and not return to Virginia together for 25 years." <http://caselaw.lp.findlaw.com/scripts/getcase.pl?court=us&vol=388&invol=1>

insistiam em baptizar como 'Direito Colonial'. E então deparei com coisas realmente bizarras, como o 'Estatuto dos Indígenas', a questão dos assimilados ('destribalizados') e outros esoterismos. Em Direito Internacional Público explicavam-nos o que era o sistema do *busing* nos Estados Unidos, destinado a contrariar a ainda prevalecente segregação racial. Em algumas Universidades Norte-Americanas, os estudantes 'brancos' não queriam deixar entrar os estudantes 'negros', resistindo activamente à decisão do Supremo Tribunal que declarava constitucionalmente inadmissíveis as escolas racialmente segregadas (*Brown versus Board of Education*)...

No livro *The Human Stain*, Philip Roth recria a história de um 'negro' que por um acaso de cor à nascença e distração de um oficial da marinha foi catalogado como 'branco'⁴. Transformado em filme por Robert Benton (2003, USA) a personagem encarnada por Anthony Hopkins na idade madura é representada na juventude por Wentworth Miller, um *casting* notável, dada a enorme *ambiguidade étnica* deste indivíduo, de tez clara e origem muito 'misturada' – que talvez por isso mesmo é, do ponto de vista estético, extraordinariamente atraente, além de ser um belíssimo actor⁵.

O filme *The Bodyguard*, (Mick Jackson, 1992, USA) é o primeiro de que me lembro em que uma história de amor entre um 'branco' (Kevin Costner) e uma 'negra' (Withney Houston) é relatada sem que a questão racial seja, implícita ou explicitamente, o centro da questão dramática. Está, neste sentido, a anos-luz do 'Adivinhem quem vem jantar' e de uma multidão de outros filmes e telenovelas em que o problema é ainda, *ad nauseam*, a questão da cor das pessoas, percebida como 'natural' ou 'socialmente construída', mas sempre como constitutiva de uma identidade e de uma diferença.

A morte temporã da sua protagonista, aos 48 anos, fez-me pensar na mistura sedutora de voz poderosa e aparente fragilidade emocional que Withney Houston tão bem exprimia em *The Bodyguard*, provavelmente porque se estava a representar a si própria. Mas também me lembrou a participação constitutiva do Direito na exclusão e subjugação de pessoas com os mais extraordinários pretextos, como o da sua 'cor'.

A voragem do *showbusiness* fez mais uma vítima. As redes sociais estão cheias de Withneys, em variadas fases da vida, cantando *I will always love you*, ou *I have nothing*, ou 'confessando' (o verbo favorito da imprensa dita cor-de-rosa) dependências em entrevistas. E, finalmente, sendo levada já sem vida pela ambulância do *Coroner*, no meio da precipitação dos flashes do que parece ser um verdadeiro 'Circo da Morte'.

TPB, 14 de Fevereiro de 2012
Dia de S. Valentim, dito Dia dos namorados

⁴ *The Human Stain* chronicles the disgrace and downfall of Coleman Silk, an eminent classics professor at New England's small Athena College. When Silk asks about two absent students, "*Do they exist or are they spooks?*" he is accused of racism. Coleman Silk is catalogued as 'White' when he joins the Navy; he belongs to a 'Black' family (parents and siblings) but never tells his secret to his wife, children or friends; hence the irony of being accused of racism. Resumo por mim preparado para as aulas do COIMBRA XIII HUMAN RIGHTS COURSE, 2010/2011, com base em www.imdb.com

⁵ Actor W. Miller: his father is of African-American, Jamaican, English, German, Jewish and Cherokee descent, and his mother is of Russian, French, Dutch, Syrian and Lebanese descent. Ver www.imdb.com